



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia relativa à Articulação no Semi-Árido – ASA

Palácio do Planalto, 09 de abril de 2003

Vou, primeiro, cumprimentar os meus ministros Ciro Gomes e Francisco Graziano. Meus companheiros Carlos Lessa, presidente do BNDES, e o Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal; os companheiros e as companheiras do movimento excepcional, chamado ASA; os meus amigos da Febraban e dizer algumas palavras para vocês.

A seca causada pela falta de chuva precisa ser tratada como um fenômeno da natureza. Já a fome e a miséria, advindas da falta de chuva, são irresponsabilidade dos governantes do nosso país.

No Brasil, habitualmente, trata-se a questão da seca com um uso político muito forte. Eu sou pernambucano, nascido em Garanhuns, e voltei lá, depois de quase 30 anos que estava fora de Pernambuco. Quando voltei à minha terra, os meus parentes que moravam lá estavam, ainda, do mesmo jeito de 30 anos atrás. E os discursos dos meus parentes eram os mesmos que a minha mãe fazia, quando eu tinha sete anos de idade e morava lá.

Então, muitas vezes utilizou-se a fome, a seca e a miséria do Nordeste como um instrumento de perpetuação de uma determinada casta da sociedade, historicamente no poder. Obviamente, há pessoas que não concordam com isso. Mas esse é um dado muito concreto e objetivo.

Eu acho que o problema da seca no Nordeste não tem que ser combatido, como dizem alguns. Eu, de vez em quando, vejo, na televisão, alguém dizer: “Nós precisamos combater a seca.” Imaginem se nós, todo ano, ouvíssemos o Primeiro-Ministro do Canadá dizer: “Nós temos que combater a neve.”

Ou seja, você não faz política de combate à Natureza. Você faz política de convivência com ela, respeitando o ciclo em que ela é mais dura com você, mas



tirando proveito dos momentos de bonança que a natureza lhe oferece.

Tanto o semi-árido nordestino é um lugar possível de se viver, pois as pessoas moram lá há centenas de anos. E muitos só saem porque não têm condições de ficar, porque, se tivessem um mínimo de possibilidade, ficariam.

Uma entidade como a ASA consegue juntar, em torno de um objetivo comum, outras 700 entidades; consegue sair pelo Brasil, convencendo as pessoas de que é preciso que a gente lhes dê uma oportunidade. Diferentemente do que estamos habituados, no Brasil, a ASA não está pedindo cesta básica, não está pedindo nenhum “vale”, está pedindo apenas ajuda para que possa fazer uma mini-reforma estrutural na captação de água no Nordeste e, a partir dali, as pessoas terem um mínimo para sobreviver com dignidade. Pelo menos ter a água para beber. Sei que vocês percebem que muda a qualidade.

Eu, um dia desses, Ciro, estava em Cabedelo, na Paraíba, e tinha um encontro com os trabalhadores rurais, Manoel Serra, e um deles falava assim para mim: “Lula, sabe o que está acontecendo aqui, na nossa região? O povo está acostumado a receber muita coisa de favor. Antigamente, quando chovia, o povo logo corria para plantar o seu feijão, o seu milho, a sua macaxeira, porque ele sabia que ia colher, alguns meses depois. E, agora, tem gente que já não quer mais isso porque fica esperando o “vale-isso”, o “vale-aquilo”, as coisas que o Governo criou para dar para as pessoas.”

Acho que isso não contribui com as reformas estruturais que o Brasil precisa ter para que as pessoas possam viver condignamente, às custas do seu trabalho. Eu sempre disse que não há nada mais digno para um homem e para uma mulher do que levantar de manhã, trabalhar e, no final do mês ou no final da colheita, poder comer às custas do seu trabalho, às custas daquilo que produziu, às custas daquilo que plantou. Isso é o que dá dignidade. Isso é o que faz as pessoas andarem de cabeça erguida. Isso é o que faz as pessoas aprenderem a escolher melhor quem é seu candidato a vereador, a prefeito, a deputado, a senador, a governador, a Presidente da República. Isso é o que motiva as pessoas a quererem aprender um



pouco mais.

No Brasil, precisamos adotar políticas que signifiquem mudanças estruturais na vida da sociedade brasileira. Quando venho a uma reunião como esta e a Febraban resolve me entregar um documento onde assume o compromisso de começar com um plano-piloto de 10 mil cisternas, parece pouco. E, se for olhar para 1 milhão, que é o que o movimento está reivindicando, nós ainda estamos muito, mas muito longe de conseguir isso. Mas quem é que imaginava, há dois meses, que a Febraban viria, hoje, aqui, dizer que vai começar com um plano-piloto de 10 mil cisternas? Ninguém. Se eu falasse para você, Paulo Rubens, certamente você falaria: “A Febraban não vai fazer isso.” Se eu falasse para o Jorge Mattoso, certamente ele falaria: “A Febraban não vai fazer isso.” O Frei Betto, então, falaria para mim: “Imagine se a Febraban vai fazer cisterna! Vai lá ver se consegue captar o recursinho, se é que existe, para depositar nos bancos.”

O que estamos vendo aqui é que, aos poucos, nós estamos constituindo um outro padrão de relacionamento na sociedade brasileira. Ninguém é 100% bom, mas também ninguém é 100% mau. Não há nenhum ser humano ou nenhuma entidade que não tenha um lado que a gente possa acordar, tirar proveito e utilizar para o bem da sociedade.

Acredito que esse gesto da Febraban pode despertar outros setores, para que a gente possa fazer com que a sociedade brasileira saiba que não será o Governo brasileiro o único a resolver o acúmulo histórico de problemas sociais deste país. É humanamente impossível imaginar que, depois de retardarmos durante décadas que alguma coisa acontecesse no Brasil, possamos, com um toque de mágica, resolver tudo numa hora só, sem envolvimento da sociedade.

Eu confesso a vocês que, para infelicidade de alguns, que gostariam que o Governo não tivesse dando certo, a colaboração da sociedade tem sido acima daquilo que o mais otimista do meu Governo acreditava que ela teria para conosco. Não houve, até agora, uma única reunião com qualquer segmento da sociedade em que nós reivindicássemos alguma coisa e que esse segmento não tivesse



disposição para dizer: “Eu vou dar a minha contribuição.”

Acho que, desse jeito, a gente vai criando uma consciência na sociedade de que a solução de parte de nossos problemas é muito mais do que a ação de um Governo. É uma ação de homens e mulheres que acreditam neste país, que vivem neste país e que sabem que não é normal as pessoas passarem as privações que passam morando nas regiões do semi-árido brasileiro.

E pasmem: eu saí do Nordeste com sete anos de idade, estou com 57, portanto, faz 50 anos. As razões pelas quais eu deixei o Nordeste, além da minha mãe querer ir atrás do “seu Aristides”, em São Paulo, eram por conta da seca. Ainda hoje, em vários lugares onde vamos, mesmo na região em que eu morei, as pessoas ainda reclamam da seca como minha mãe reclamava. Naquele tempo, não havia caminhão-pipa, era “jegue-pipa”. É verdade. Uma vez, eu caí de um jumento, buscando água num açude. Quando você chegava em casa, colocava aquela água com caramujo num pote, deixava assentar. Depois que assentava, pegava uma canequinha e colocava num outro pote e, aí, bebia. A gente não tinha nem orientação de que podia ferver a água, o que melhoraria para a gente. Por isso é que era tudo barrigudinho, parecia um sabiazinho – perninha fininha e barriga bem grande. O que bebia de caramujo... E ainda hoje muitos lugares são assim.

É importante ter claro que o problema do Nordeste, também, não é só seca. Seca é um dos problemas. Tem o problema da cerca, ou seja, da concentração de terra no Nordeste, que ainda é muito grande. Eu, por exemplo, fui à barragem, lá em Serra Talhada, que foi inaugurada em 1996, já faz oito anos, e não deve ter um pé de urtiga irrigado até agora. Porque não basta ter água, é preciso, energia, bomba, ter quem se disponha a financiar esse processo de irrigação. Da mesma forma que, muitas vezes, em São Paulo, a gente vê com muita facilidade as pessoas falarem: O subsolo do Nordeste é tão rico em água que é só cavar poço que vai dar água em tudo quanto é lugar”. Também não é verdade. Muitas vezes se cava um poço e a água é totalmente salobra, não dá para beber. Muitas vezes, não se acha nada.

De vez em quando, dá uma febre do pessoal de São Paulo falar que a



solução do problema do Nordeste é cavar poço. Um amigo meu tinha um programa de televisão e começou a fazer propaganda: “vamos cavar poço”. Eu procurei esse rapaz e disse: “Olhe, não enverede por este caminho, porque você não vai encontrar a água que você pensa que tem.” Para a pessoa sobreviver bebendo, você pode cavar um poço. Agora, para irrigar, você precisa de outros componentes, mais investimentos. É preciso que o Estado tenha um papel importante, e os bancos de desenvolvimento tenham dinheiro para fazer isso. É preciso essas pessoas serem organizadas. Além de ter a cisterna, é preciso que a gente dê um mínimo de organicidade produtiva para que essas pessoas possam produzir um pouco mais, um pouco melhor, para que possam se organizar em cooperativas. Ou seja, nós estamos começando um novo ciclo.

Eu estou vendo, num papel, aqui, que o ministro da Segurança Alimentar vai anunciar, também, que o Ministério – além das 10 mil da Febraban – vai construir 15 mil cisternas. Já é um bom começo. Dez mais 15 são 25 mil, já estamos mais perto de 1 milhão do que os companheiros e as companheiras da ASA pretendem que a gente tenha no Brasil.

Eu quero dizer a todos vocês que espero que este pequeno ato que nós estamos realizando nesta tarde de hoje possa ter a dimensão que eu acredito que terá no Brasil, ou seja, despertar na consciência de outros milhões de brasileiros que podem contribuir, e que muitas vezes não contribuem até porque não sabem que a gente está aqui fazendo isso, nem sabem que a ASA existe, nem sabem que a seca no Nordeste é o que é. Eu espero que essas pessoas passem a ter o gesto que teve a Febraban, hoje. Eu espero, meu companheiro Graziano, que o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome possa, a cada dia, começar a compreender que nós, do Governo, temos responsabilidade. Nós, também, não podemos ficar só pedindo para a sociedade ajudar sem que o Governo faça a sua parte.

Quero, ainda, que os meus companheiros da ASA saibam que, se depender da minha disposição política e da minha vontade, do meu compromisso, acho que



Presidência da República
Secretaria de Imprensa e Divulgação
Discurso do Presidente da República

nós vamos conseguir este 1 milhão de cisternas muito antes do que vocês estão esperando.

Muito obrigado.

/mcpro/lrj/vpm